

# Países podem rever estratégia da dívida

*externa*

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

Agora, é apertar o cinto e não fumar. O gigantesco Jumbo em que se transformou o Brasil entra em zona de turbulência máxima por decisão do piloto. Não era essa a rota programada quando os passageiros compraram passagem, mas é o que menos importa, hoje. Ninguém pode pedir para descer, como ninguém dispõe de condições para demitir a tripulação e exigir a volta ao aeroporto de origem. Se sobrevier um desastre, sofrerão todos. É de menor interesse, até, saber o que a caixa preta vai registrando, já que ela servirá apenas aos nossos vizinhos, no caso de ser encontrada e aberta para revelar os motivos da explosão.

A imagem retrata melhor do que qualquer outra a situação nacional, depois que o presidente José Sarney anunciou, sexta-feira à noite, a decisão de suspender por tempo indeterminado o pagamento dos juros da dívida externa. O País entrou num dos maiores cumulus nimbis de sua História, tendo o comandante entendido ser a moratória a única solução para continuar voando. Contornar a tempestade, para ele, não dava mais.

Há uma esquadrilha atrás de nós, pronta para saber do sucesso ou do malogro dessa nova trajetória para decidir se segue conosco ou se será melhor desbordar. Os presidentes da Argentina, Raul Alfonsín, e do Uruguai, Julio Sanguinetti, telefonaram na sexta-feira mesmo ao presidente José Sarney, manifestando apoio e até mostrando-se dispostos a decretar moratórias parecidas, se chegarem à mesma situação a que chegamos. Obviamente, se não tivermos explodido antes. Peru e Venezuela olham de distância um pouco maior, enquanto o México, até prova em contrário, fica de fora.

Uma das consequências da iniciativa brasileira, dizia-se ontem no governo, isto é, na cabine de comando, será a revisão de concepções e de estratégia a que outros países devedores poderão lançar-se. Como sempre, o Brasil dá lições ao mundo, coisa que não torna nossas agruras nem maiores, nem piores. Todo o equipamento de rádio e de radar da aeronave tem suas antenas voltadas para Washington, na busca de saber se o rádio-farol dos credores sairá do ar ou se, mesmo com sinais esmaecidos, transmitirá alguma orientação a quem pode em pouco tempo entrar em parafuso. A decisão do Brasil, conforme o Palácio do Planalto, foi de continuar voando, ainda que em meio à tempestade.

É estranho ver como essas coisas acontecem, não valendo a pena, agora, ficar concluindo que aconteceram por falta de plano de voo, omissão devida tanto às antigas tripulações quanto à que assumiu os controles em 15 de março de 1985. Estamos num "CB", é o que vale registrar agora.

O pronunciamento do presidente, dois dias atrás, ou melhor, a comunicação feita pelo piloto aos passageiros, através do sistema interno de comunicações, foi antes de tudo tenso. Ele tem fé na estrutura do

avião. Confia nos fabricantes. Mas quando um piloto precisa dizer isso em pleno ar... Apelou, como havíamos antecedido dias atrás, para a união nacional. Convocou políticos, empresários, trabalhadores, profissionais liberais e estudantes. Chamou a Igreja e até pediu que Deus nos abençoasse a todos. Mais uma vez, repetiu a promessa tantas vezes repetida de contenção dos gastos públicos, só que, agora, avançando propostas concretas: durante seis meses o Tesouro só gastará o que arrecadar; as empresas estatais somente farão investimentos com recursos gerados por suas próprias receitas ou já identificados e efetivamente disponíveis; será também promovida uma revisão geral na política de subsídios. Lamenta-se que essas medidas não tenham sido tomadas há muito, mas, de qualquer forma, não há como deixar de registrar a intenção.

Para contrabalançar, o presidente apelou para a prática maniqueísta e absurda, digna dos tempos recentes do autoritarismo, ao acenar que, sendo esta uma hora de patriotismo responsável, "nada de traição ao País sob o pretexto de criticar o governo que apenas herdou a dívida (...)". Significarão essas palavras a adoção daquela ditatorial postura do "quem não está comigo está contra mim?" Porque, ainda para ficar na imagem aeronáutica, já vimos que no passado isso não deu certo. Nos tempos do general Garrastazu Médici falava-se do Brasil do "ame-o ou deixe-o", e muita gente foi obrigada a deixá-lo, ainda que a contragosto. Agora, porém, a sociedade não poderá mais retrucar com a afirmação de que "ao último que sair compete apagar a luz do aeroporto". Não estamos mais no aeroporto, estamos no avião, a dez mil metros de altura. Parece injusto que, além de vivermos a iminência do desastre, tenhamos de ficar amordaçados.

Apresenta-se extremamente perigosa essa história de rotular críticas como traição. Mas ela se desenvolve, não só pelo comentário de Sarney. Antes, o ministro Dilson Funaro fez chegar à imprensa informações sobre a existência de um complot contra ele, visando desestabilizar o governo. Como o jovem líder do PMDB na Câmara, Lutz Henrique, deu depois franciscana escorregadela ao discursar no mesmo sentido: "Percebem-se claramente as articulações e as tentativas (...) de forças internacionais poderosas". Ou, mais adiante: "O governo é atacado com todo um arsenal acumulado ao longo dos anos por grupos que sempre enriqueceram apostando nas estruturas arcaicas, na estagnação (...)".

Mais do que irresponsabilidade, é crime ficar nessas acusações genéricas. Se há conspiração, estão envolvidos o ministro da Fazenda, o líder do PMDB e o próprio presidente da República a personalizar e a identificar os conspiradores. Bem como a aplicar sobre eles o peso da lei. Se não o podem fazer, seria bom acabar depressa com o que então será demagogia barata, digna do regime que já escoou pelo ralo.